

A Sétima Arte e a Psiquiatria:

representações cinematográficas de tratamentos psiquiátricos

Introdução

A psiquiatria tem sido uma fonte de inspiração para as obras dos cineastas, as quais têm refletido tanto o fascínio pelo funcionamento da mente humana, como a evolução histórica das práticas e tratamentos de saúde mental. No início do século XX, enquanto o cinema emergia, a psiquiatria passava por transformações significativas, evoluindo de práticas rudimentares para abordagens mais humanas. À medida que o cinema se desenvolvia como meio de expressão artística, passou também a capturar e influenciar a percepção pública acerca das doenças mentais e dos seus tratamentos, moldando narrativas que frequentemente oscilavam entre o estigma e a compreensão.

Objetivo

Este trabalho visa analisar a representação cinematográfica dos tratamentos psiquiátricos (eletroconvulsivoterapia, psicofármacos) ao longo de várias décadas, avaliando a precisão das mesmas e o seu impacto e influência na percepção pública. Pretende-se, adicionalmente, identificar estereótipos e preconceitos perpetuados pelo cinema em relação aos tratamentos psiquiátricos.

Materiais e métodos

Foi realizada uma revisão não sistemática de literatura, por meio da base de dados PubMed, escolhida com base nas seguintes palavras-chave: “psychiatric treatments”, “electroconvulsive therapy” ou “ECT”, “psychotherapy”, “mental illness”, “stigma”, “cinema” e “Hollywood”. Foi ainda realizada uma análise de filmes selecionados.

Resultados

A revisão da literatura e análise de diferentes filmes revelaram variações na precisão das representações cinematográficas. Enquanto alguns filmes perpetuam estereótipos negativos, contribuindo para o estigma e dificultando a aceitação de tratamento, outros oferecem uma visão mais informada. Filmes como *"One Flew Over the Cuckoo's Nest"* (1975) retrataram a eletroconvulsivoterapia (ECT) e os psicofármacos de forma negativa, associando-os a abusos e efeitos adversos graves, e apresentando-os como formas de punição e controlo. Em contrapartida, com o avanço científico, as representações tornaram-se mais realistas e equilibradas, como na obra *"Uma Mente Brilhante"* (2001), que apresenta os psicofármacos como parte essencial do tratamento, promovendo uma visão mais humanizada e informada da saúde mental. Já a série *"Ratched"* (2020), revisita práticas psiquiátricas históricas, como a lobotomia e ECT, de forma estilizada e dramática. Embora destaque a desumanização sofrida por pacientes em instituições psiquiátricas no passado, pode perpetuar a visão negativa de práticas ultrapassadas. Estudos indicam que tais representações moldam a percepção pública, perpetuando estigmas e preconceitos, além de contribuir para o medo público e gerar interpretações incorretas sobre a eficácia dos tratamentos.



Conclusões

A representação dos tratamentos psiquiátricos no cinema tem um impacto significativo na percepção pública acerca da saúde mental. Inicialmente, práticas como a lobotomia e ECT foram retratadas de forma dramática e negativa, perpetuando a imagem de tratamentos psiquiátricos como abusivos e desumanizadores. Embora tenham trazido à luz a necessidade de reforma nos cuidados de saúde mental, este tipo de representações contribuiu também para o estigma em relação à psiquiatria. Com o avanço da medicina e a introdução de terapias como a psicoterapia e a psicofarmacologia, as representações cinematográficas começaram a evoluir. Nos últimos anos, tem-se observado uma abordagem mais sensível e precisa, ajudando a reduzir o estigma. Contudo, ainda persistem estereótipos negativos e algumas representações cinematográficas distorcidas dos tratamentos psiquiátricos, o que levanta questões acerca da responsabilidade dos cineastas em equilibrar a preservação da liberdade artística com uma representação acurada da saúde mental, que reflita os avanços na psiquiatria e que contribua para a compreensão pública dos tratamentos psiquiátricos.